

Resenha | Bernardo Wahl G. de Araújo Jorge

Soldados, “guerra longa” e a sutil manutenção do império

Robert D. Kaplan é correspondente da revista *The Atlantic Monthly* (na qual tem publicado artigos sobre segurança internacional – alguns deles republicados em jornais brasileiros¹), professor visitante da Academia Naval norte-americana, membro do Centro para uma Nova Segurança Americana (*Center for a New American Security*) e autor, além do volume supra-citado, de outros livros, que versam basicamente sobre relações internacionais e viagens². Entre eles, destacamos *Warrior Politics: Why Leadership Demands a Pagan Ethos* (2002)³ e *The Coming Anarchy: Shattering the Dreams of the Post Cold War* (2001)⁴, que faz uma previsão das ameaças e conflitos “menores”, mas não menos perigosos, que emergem com o fim da Guerra Fria e o término da “estabilidade” bipolar do sistema internacional. Tais embates transformariam em

Bernardo Wahl Gonçalves de Araújo Jorge é mestrando na área de concentração em estudos de paz, defesa e segurança internacional (“Pró-Defesa”) do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Unesp, Unicamp e PUC-SP (“San Tiago Dantas”).

Imperial Grunts: on the ground with the American military, from Mongolia to the Philippines to Iraq and Beyond

De Robert D. Kaplan

Nova York: Vintage Books, 2006

448 páginas.

pesadelo o até então sonho da vitória e proliferação da democracia liberal mundo afora. O *establishment* militar dos EUA, que até então funcionava muito bem quando se tratava de uma ameaça estatal (a então URSS), não pode afirmar que foi pego de surpresa: diversos autores, entre eles Martin van Creveld (*The Transformation of War*), Mary Kaldor (*New and Old Wars*) e o próprio Kaplan identificam a emergência das “novas guerras”, não mais necessariamente explicadas pelo recorte clássico trinitário do general prussiano Carl von Clausewitz.

Segundo Kaplan – lembrando Robert Work, do Centro de

Análises Estratégicas e Orçamentárias (*Center for Strategic and Budgetary Assessments*) – no nascedouro do século XXI os Estados Unidos da América se encontram em sua “Segunda Era Expedicionária”. Na primeira, que vai da Guerra Hispano-Americana (1898) ao fim da Segunda Guerra Mundial (1945), os EUA estabeleceram bases militares no Caribe, Pacífico e no Atlântico Norte, visando a expandir seu perímetro de defesa continental e proteger os novos interesses econômicos. Os anos de Guerra Fria se constituíram na “Era das Guarnições”, quando bases grandes, permanentes e de fronteira eram construídas em lugares como a antiga Alemanha Ocidental, a Turquia e a Península Coreana, visando cercar a URSS. Já a “Segunda Era Expedicionária”, que caracteriza a unipolaridade militar dos anos 1990, requeria rápida mobilidade mundial para lidar com missões de paz, ataques anti-terroristas e a contenção de países como o Iraque e o Irã. Somando-se às evidências anteriores, a marca do mundo pós-11 de Setembro e do ambiente da “Guerra Global ao Terror” (também chamada de “Guerra Longa”) é a ênfase na mobilidade e dispersão das forças, para lidar com as ameaças do “Islã radical” e da emergência da China como grande

potência (Kaplan, 2006, p. 13).

É nesse contexto que Kaplan tira sua fotografia para a posteridade, uma imagem escrita com palavras sobre os problemas e frustrações dos sargentos, capitães e majores do Exército norte-americano (*U.S. Army*) e do Corpo de Fuzileiros Navais (*U.S. Marine Corps*), a partir do ponto de vista deles, isto é, do médio-oficialato estacionado em áreas remotas do mundo (p. 258). O retrato gera um livro com oito capítulos, mais prólogo e epílogo, onde Robert D. Kaplan desenvolve a tese de que as Forças Especiais (*Special Forces*), por meio do poder brando (*soft power*) – em parte oriundo do conhecimento cultural e das habili-

Kaplan, a “Guerra Global ao Terror” (*Global War on Terror – GWOT*) apresenta apenas a fase atual do imperialismo norte-americano (a expressão anterior é empregada por Kaplan e, ao nosso entender, significa basicamente que os EUA ainda interferem de maneira razoável na política interna de outros países, só que de forma mais discreta). Mas o “terrorismo” é tanto uma causa quanto um sintoma da fraqueza política de países como o Iêmen. Assim, de certa maneira, os EUA lutam pela modernização do país (p. 31). Para a *Al-Qaeda*, organização muçulmana sunita liderada por Osama bin Laden, o Iêmen era um país convenientemente caótico e cul-

de “novos guerreiros-diplomatas”, são os responsáveis pela manutenção imperial (não apenas os soldados da ativa, mas também da reserva ou aposentados, já que constituem uma verdadeira *networking*, que vai do público – Estados e Organizações Internacionais – ao privado – as famigeradas *Private Military Companies*⁶, entre elas a *Blackwater*). Mas não são quaisquer soldados, e sim equipes das Forças Especiais do Exército norte-americano (também conhecidas como Boinas-Verdes, auto-denominadas “Profissionais Silenciosos” e curiosamente apelidadas de “comedores de cobras”⁷) e equipes do Corpo de Fuzileiros Navais⁸.

O papel das Forças Especiais norte-americanas será basicamente o de treinar as elites militares em diversos países do mundo, transmitindo os valores americanos de maneira mais discreta do que por meio de intervenções militares.

dades com idiomas – e da discrição do mesmo, são as atuais responsáveis pela manutenção do império norte-americano. Fazendo um paralelo com a predominância da irregularidade na guerra atual, pode-se dizer que o livro também é um pouco “irregular”: cada capítulo é escrito em um determinado país, mas com notas acerca de outros. Por exemplo, o primeiro capítulo, que trata do Iêmen, localizado em região sob a jurisdição do Comando Central dos EUA, tem notas sobre a Colômbia. Todavia, as digressões “kaplanianas” não atrapalham a leitura; ao contrário, enriquecem-na. Delineados os pontos gerais da obra e do autor, passaremos agora a um aprofundamento de *Imperial Grunts*.

Comando Central, Iêmen, Inverno de 2002.

Neste primeiro capítulo, Robert D. Kaplan afirma que o Iêmen é vasto, mas apenas um pequeno país. O autor se questiona: “como os EUA fazem para administrar o ‘império’ em que se transformaram?” (p. 37). Para

turalmente simpático no coração da Arábia, muito mais desejável do que o não-árabe Afeganistão (p. 19), aonde a *Al-Qaeda* operava sob a proteção do regime *Taliban*. A questão era que os acampamentos populosos do norte do Iêmen, próximos às mais instáveis partes da Arábia Saudita, eram lugares férteis para grupos como a *Al-Qaeda*. Tratava-se de um campo de batalha cultural e demográfico, com similares em todo o mundo, em que os EUA deveriam penetrar (p. 33). O Comando Central dos Estados Unidos treinaria as elites militares iemenitas para que estas projetassem poder, estendendo a autoridade central e levando a única esperança de liberalização para as áreas caóticas do país (p. 35)⁵. E será basicamente este o papel das Forças Especiais norte-americanas: treinar as elites militares em diversos países do mundo, transmitindo os valores americanos de maneira mais discreta do que por meio de intervenções militares. A palavra ‘império’ permeará todo o livro de Kaplan, e os *grunts* do título da obra, também chamados

Comando Sul, Colômbia, Verão de 2003.

O segundo capítulo relata a experiência vivida no inverno de 2003 na Colômbia, parte do talvez menos prestigiado comando militar dos EUA: o *SOUTHCOM* (*Southern Command*). Conforme Kaplan, o futuro do conflito militar pode ser mais bem visualizado na Colômbia, que representa uma forma mais severa de ruptura social do que o Iêmen ou qualquer outro lugar do Oriente Médio. O esforço no Iraque, com sua grande mobilização de tropas e concentração de risco, pode não ser indicativo de como os EUA agirão no futuro. Foi na Colômbia que Kaplan fora introduzido às táticas que Washington empregaria para administrar um mundo “desgovernado”. Dando um contexto geral da situação colombiana, o autor afirma que os grupos guerrilheiros deixaram ideologias do século XX em favor de territórios descentralizados e *franchises*, construídos sobre o terrorismo, narco-tráfico, seqüestro, falsificação e extorsão da receita dos governos locais. Com milhões de dólares decorrentes dos lucros com a venda de cocaína, e com ligações documentadas com grupos como o Exército Republicano Irlandês (IRA) e o Pátria Basca e Liberdade (ETA) – que ensinaram as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) a seqüestrar e usar carros-

bomba – as guerrilhas colombianas são, avalia Kaplan, uma variação exótica da *Al-Qaeda*, no sentido de que não teriam nenhum apoio em qualquer ordem internacional legítima. Enquanto o Iêmen lidera o ranking mundial de pequenas armas *per capita*, a Colômbia vence a corrida em número de seqüestros: três mil apenas em 2002. A Colômbia produz 80% da cocaína mundial. Mais do que o Iêmen, a Colômbia é menos um país do que uma série de “cidades-Estado fortificadas”, cercadas por terras des-governadas (p. 43). Na Colômbia, os exércitos de cocaína constituíram uma “insurgência” bem antes do que fez a *Al-Qaeda*. Para melhor entender a “guerra ao terror”, dessa forma, é melhor começar a estudar a chamada “guerra às drogas” (p. 44).

A resposta para a “baixa” importância do *SOUTHCOM* se deu com agressivas operações de inteligência e Forças Especiais treinando os exércitos locais, ambas combinadas com diplomacia coercitiva (p. 44). O comando criou seu conceito de “economia de força”, oferecendo uma boa lógica para um mundo onde a construção de nações é acompanhada de perigo,

A marca do mundo pós-11 de Setembro e do ambiente da “Guerra Global ao Terror” (também chamada de “Guerra Longa”) é a ênfase na mobilidade e dispersão das forças, para lidar com as ameaças do “Islã radical” e da emergência da China como grande potência.

dificuldade, incerteza e altos custos. Consoante Kaplan, não se deve tentar consertar toda uma sociedade. Em vez disso, deve-se identificar alguns elementos-chave na mesma e mudá-los. Pelo fato de um exército nacional não poder ser reformado inteiramente sem uma ampla reforma social e cultural, deve-se trabalhar apenas para aprimorar suas elites, usando homens da própria elite militar norte-americana como treinadores. Esse foi o motor para a mudança em El Salvador e é a mesma estratégia aplicada na Colômbia (p. 46). Assim, o imperia-

lismo se caracteriza menos por conquistas territoriais e mais pelo treinamento de exércitos locais (p. 48). Foi na Colômbia que Kaplan percebeu que a genialidade dos militares americanos era menos tecnológica do que social (p. 55). O *SOUTHCOM* era um modelo, em termos de línguas e conhecimento de área, que todos os comandos deveriam ter em uma era de responsabilidades imperiais por parte dos EUA (p. 86).

Comando do Pacífico, Mongólia, Primavera de 2003.

Kaplan afirma que a história da Eurásia sempre foi determinada por migrações de larga escala. E era algo que os EUA deveriam manter em mente, dado que a Eurásia, a maior porção de terra do mundo, continuava a ser o coração da geopolítica (p. 93). Levando em conta que a China resurgente já havia absorvido o Tibet, Macau e Hong Kong, a Mongólia serviria aos EUA como uma missão para julgar as futuras intenções chinesas. O Tenente-Coronel Wilhelm, anfitrião de Kaplan no país em questão, estava determinado a fazer dos descendentes de Genghis Khan os “*Gurkhas* mante-

Al-Qaeda, os oprimidos muçulmanos *Uighurs* possivelmente representavam o futuro do terrorismo na Ásia Central. (2) Preparar os militares mongóis para desempenhar um papel ativo na manutenção da paz internacional, de modo a chamar a atenção nos fóruns globais e, assim, angariar proteção diplomática à Mongólia em relação a vizinhos como a China. O envio planejado de tropas mongóis ao Iraque pós-Saddam Hussein produziu reações irritadas da Rússia e da China, que se opuseram à invasão norte-americana. (3) Aumentar a capacidade da Mongólia em responder a possíveis desastres internos. Mas por que os EUA precisariam de uma base na Mongólia? Nos anos 1990, Wilhelm pensou o mesmo em relação ao Tajiquistão. Aí veio o 11/09/2001, e o país se tornou uma opção para as operações dos EUA no Afeganistão. Com a fronteira leste da Mongólia a apenas algumas centenas de milhas de distância da Coreia do Norte através da Manchúria, em um ambiente estratégico imprevisível uma base aérea na Mongólia poderia ser útil (pp. 128-9).

Comando do Pacífico, Filipinas, Verão de 2003.

As Filipinas, que contam com uma “insurgência” islâmica na região sul, são um lado menos visível da “guerra ao terror” (p. 132). O Comando do Pacífico como um todo faria a cabeça de qualquer estrategista entrar em parafuso, dados os inúmeros problemas estratégicos presentes na área, como a nuclearização da península coreana, a disputa entre Índia e Paquistão, a “infecção” do fundamentalismo islâmico em diversos arquipélagos da região e, finalmente, a emergência da China (p. 134). A questão mais importante do teatro do Pacífico era a distância oceânica, o que dava mais importância à Marinha e à Força Aérea (p. 134). O Exército sempre foi um elemento menor no *PACOM* (*Pacific Command*), basicamente em razão do fracasso no Vietnã (onde as Forças Especiais foram mais empregadas em operações estilo Comandos do que como

aplicadoras de estratégia de contra-insurgência – esta última bem elaborada na Guerra Hispano-Americana), comando que ainda tinha uma certa mentalidade de Guerra Fria. O onze de Setembro, entretanto, trouxe o comando de volta à contemporaneidade (p. 135). Os Boinas-Verdes fornecem “assistência de segurança”, isto é, eles treinam os treinadores das unidades de elite do país hospedeiro. Pelo fato de serem financiados sob os auspícios do Título 22 (*Foreign Relations and*

Na Colômbia, os exércitos de cocaína constituíram uma “insurgência” bem antes do que fez a Al-Qaeda. Para melhor entender a “guerra ao terror”, segundo Kaplan, é necessário estudar a chamada “guerra às drogas”.

Intercourse) do Código dos Estados Unidos (a compilação oficial das leis públicas permanentes e mais gerais que estão em vigor nos EUA atualmente)⁹, reportam-se ao Departamento de Estado e, portanto, à embaixada norte-americana em Manila (p. 157). Os soldados das Forças Especiais são generalistas. Eles podem fazer de tudo, desde cavar poços d’água à negociar com diplomatas para entrar em uma casa e resgatar reféns. Os *Special Forces* podem se infiltrar por água com equipamento de mergulho, ou pelo ar por meio de pára-quedas. Os Boinas-Verdes geralmente se encontram em situações em que treinam para um determinado tipo de missão mas têm que fazer outra. Conseqüentemente, sempre há unidades entre os militares que podem realizar tarefas específicas melhor do que as Forças Especiais. Mas ninguém é páreo para os “profissionais silenciosos” quando estes realizam sua função clássica: infiltrar-se em uma área, organizar e treinar o povo nativo (p. 179).

Comando Central e Comando de Operações Especiais, Afeganistão, Outono de 2003.

O campo de batalha moderno continuava a se expandir e a se esvaziar, caracterizando-se assim por uma dispersão de forças. Movimentos

massivos de tanques e infantaria têm menos resultados do que ações letais encaminhadas por poucos indivíduos e ampliadas pela mídia global. No Afeganistão, também, uma rápida e aparentemente decisiva vitória militar foi seguida por uma paz suja e sangrenta (p. 186)¹⁰, já que o Taliban se reorganizou e passou a lutar na resistência utilizando-se de tática de guerrilha. Os EUA precisariam de mais Forças Especiais, mas estas já estavam sobrecarregadas (p. 210). A consolida-

ção da ocupação trouxe à tona a 10a. Divisão de Montanha do Exército, aparato militar com estrutura militar rígida e, portanto, de acordo com Kaplan, não adequada para aquele teatro (p. 227). Foi a “Guerra Global ao Terror”, e particularmente a implementação feita pelo então Secretário de Defesa Donald Rumsfeld, que fez de fato o *SOCOM* (*Special Operations Command*) um comando combatente. Este seria um comando de área como os outros, mas com sua área sendo todo o planeta. Se a *Al-Qaeda* se constituía de um aparato global sem divisões e impedimentos burocráticos, assim também deveria ser o *SOCOM*. Este é o único comando cujo orçamento vem diretamente do Congresso, não do Pentágono (p. 190).

Fort Bragg e Camp Lejeune, Carolina do Norte, Inverno de 2003-2004.

Na visita a Fort Bragg, casa das Forças Especiais, Kaplan ministrou uma palestra na *John F. Kennedy Special Warfare Center*, onde enfatizou a necessidade de ênfase em línguas e cultura (nesta os *Marines*, cuja casa fica em *Camp Lejeune*, já treinam há anos) para as Forças Especiais dos EUA (pp. 262-265). Aquele tipo de hierarquia plana utilizada pelas grandes corporações e, inclusive, pela *Al-Qaeda*, já é utilizada pelos *Marines*,

cujas grandes contribuições para as Forças Armadas americanas é o *Small Wars Manual*. A história e a tradição das Forças Especiais e dos *Marines* é em contra-insurgência e em guerra não-convencional (p. 269).

Comando Central, Chifre da África, Inverno de 2004.

No pequeno Djibouti, ex-colônia francesa na África, uma força tarefa conjunta dos Estados Unidos trabalha em cooperação com a França (p. 275), ainda que Paris tenha se oposto à intervenção militar norte-americana no Iraque. Uma frente até há pouco secundária na “guerra ao terror” está sendo expandida em *Camp Lemonier*, atualmente com cerca de 2.000 militares e em processo de ampliação¹¹. Sudão, Somália e Iêmen seriam os novos redutos da *Al-Qaeda*, mas a África também é uma região rica em petróleo e minerais, produtos disputados igualmente pela China e Índia. A divisão mundial das Forças Armadas norte-americanas em comandos militares terá um novo comando, específico para a África, o *AFRICOM*. Um novo paradigma de guerra emerge da região do Chifre da África (p. 287). Em Lamu, no Quênia, está se caracterizando um novo tipo de projeção de poder por parte dos Estados Unidos da América: a modernização das bases militares do país hospedeiro, para poderem ser usadas como postos avançados estratégicos, bem como a manutenção das relações com os locais por meio de projetos humanitários. Visa-se a utilização de tais relações para se “caçar” os chamados *bad guys*. A ênfase continua nas pequenas equipes. Vivemos, segundo Kaplan, em uma nova era de “guerra ambígua” (p. 294).

Comando Central, Iraque, Primavera de 2004.

Lembrando a Nicarágua, o Major General James N. Mattis, comandante da 1a. Divisão de *Marines*, dizia que precisa de jovens *marines* que soubessem sorrir para as crianças, de modo que os EUA pudessem conquistar os corações e mentes dos iraquianos,

usando uma frase típica da época da Guerra no Vietnã. Conforme Mattis, os satélites não forneciam a inteligência necessária para uma contra-insurgência: as informações desejadas eram obtidas conquistando a confiança da população local (p. 310). Ao mesmo tempo em que os EUA se focavam no “terrorismo”, os iraquianos estavam preocupados com o crime comum. Uma das piores áreas no país era a cidade de Abu Ghraib, município que abrigava uma prisão usada pelos americanos para a prática de tortura contra prisioneiros. A responsabilidade pela cidade era dividida entre a Primeira Divisão de Cavalaria e a 82a. Força Aerotransportada (*Airborne*), ambas do Exército (p. 329). Em Haswa, a comunicação integrada parou de funcionar de repente. O Segundo-Tenente *Marine* David Russell observou que as linhas de energia sugaram a eletricidade e derrubaram o sistema de comunicação. Caso se envolvessem em encrenca, os soldados americanos não teriam como se comunicar com o res-

Al-Fallujah era o tipo de desafio principal para o qual os militares norte-americanos estavam estudando e se preparando desde o final da Guerra Fria, isto é, quando as “operações militares em terreno urbano” ficaram em voga. Porém, alguns dos fuzileiros navais americanos de alta-patente não se sentiam confortáveis com a situação. Afinal, os precedentes eram ruins: os EUA em Mogadíscio em 1993, os russos em Grozni no meio dos anos 1990 e Israel em Jenin no ano de 2002 (p. 350). Quando o imperialismo é mais óbvio, como no Iraque, está mais vulnerável e sujeito à cercos (p. 368). Dessa forma, um império como os EUA precisava fazer suas relações nos bastidores (p. 369), de maneira menos visível.

Considerações finais

Por meio das viagens que resumidamente apontados acima, nota-se que Robert D. Kaplan desenvolve a tese de que o império estadunidense é sustentado pelas Forças Especiais

Kaplan desenvolve a tese de que as Forças Especiais (*Special Forces*) são as atuais responsáveis pela manutenção do império norte-americano.

tante da companhia. Tratava-se de um exemplo de como a infra-estrutura do “terceiro mundo” derrotava o poder e a tecnologia ocidentais (p. 343). No dia 31 de março de 2004, uma viatura com quatro soldados privados norte-americanos foi emboscada em Al-Fallujah. O veículo foi atacado com pequenas armas de fogo e, em seguida, incendiado. Os corpos carbonizados foram carregados pelas ruas, e dois deles pendurados em uma ponte. As manchetes nos jornais dos EUA comparavam o incidente com aquele ocorrido onze anos antes, em Mogadíscio, na Somália (p. 345). Inteligência primária dada aos *Marines* à época indicava que alguns indivíduos em Al-Fallujah poderiam ter vindo da Chechênia e do Afeganistão (p. 349), ou seja, eram pessoas que não desistiam facilmente.

norte-americanas atuando ao redor do mundo. Percebe-se que Kaplan constantemente compara o estamento militar convencional – como, por exemplo, as divisões de tanques e a infantaria – com as Forças Especiais e a capacidade destas de agir não-convencionalmente. Enquanto são os Boinas-Verdes os responsáveis pelo trabalho na “guerra global ao terror”, parece que tudo funciona. Porém, quando entram em cena as unidades mais convencionais, aparentemente o trabalho se desarticula. Dessa forma, Kaplan revela sua preferência pela hierarquia plana e mais ágil das Forças Especiais. Nessa dicotomia do convencional e do não-convencional, dentro do contexto da “guerra ao terror”, Kaplan sempre chama a atenção para a questão China: nos teatros da

Mongólia, Filipinas e Afeganistão, os EUA já trabalham olhando para o futuro. Mas Kaplan não faz nenhum exercício no sentido de tentar prever que tipo de guerra os EUA lutariam contra a China. Clausewitz já afirmara que a guerra é como um camaleão, e os *experts* sabem que a próxima guerra nunca será como a anterior. Hoje se fala muito na emergência da China como potência. Em princípio, Estados Unidos e China são dois Estados, então uma eventual guerra entre ambos poderia ser do tipo convencional; mas não necessariamente um embate direto, e sim talvez um combate centrado em Taiwan. Os estrategistas chineses desenvolveram a sua doutrina da “guerra irrestrita” e simultaneamente Pequim renova sua frota marítima, bem como seu poder aéreo. Conforme o analista marxista Giovanni Arrighi, no livro *Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI* (Boitempo, 2008), a grande ganhadora da “guerra ao terror” é a China. Dessa forma, encerramos com uma questão que também deve ter perturbado Kaplan: será que os Estados Unidos da América, centrados em operações de contra-insurgência pelo mundo afora, estão prontos para travar uma guerra do tipo convencional?

Notas

¹ Como, por exemplo, KAPLAN, Robert. “Uma bomba e nenhuma saída”. In: *O Estado de S. Paulo*, 15 out. 2006, Aliás, pp. J4-J5.

² Os textos de Kaplan estão disponíveis no portal da *Atlantic.com*: <http://www.theatlantic.com/doc/by/robert_d_kaplan>. Acesso em 23 de janeiro de 2008.

³ Publicado no Brasil sob o título *Políticos Guerreiros: A arte de liderar ao longo da história, da Roma Antiga até hoje*. São Paulo: Futura, 2002.

⁴ Que se originou a partir do seguinte artigo: KAPLAN, Robert D., “The Coming Anarchy”, *Atlantic Monthly*, February 1994. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/doc/199402/anarchy>>. Acesso em 23 de janeiro de 2008.

⁵ Há discordâncias entre os métodos dos EUA e os do governo iemenita. Para mais detalhes, ver WORTH, Robert F., “Yemen’s Deals With Jihadists Unsettle the U.S.”, *The New York Times*, January 28, 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/01/28/world/middleeast/28qaeda.html>>. Acesso em 28 de janeiro de 2008.

⁶ Sobre as quais o próprio Kaplan escreveu um artigo: KAPLAN, Robert D., “Outsourcing War”, *Atlantic Monthly*, September 2007. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/doc/200709u/kaplan-blackwater>>. Acesso em 23 de janeiro de 2008.

⁷ Entretanto, de acordo com Anthony Cordesman, do *Center for Strategic and International Studies*, tratam-se de

“comedores de cobras com diplomas de mestres” (ao nosso entender, dada a qualificação das Forças Especiais em línguas e cultura regional, além do excelente preparo militar). Para mais detalhes, cf. CORDESMAN, A. H., *The Iraq War: Strategy, Tactics, and Military Lessons*, Washington, DC: CSIS Press, 2003, p. 364.

⁸ A Força Aérea e a Marinha não foram esquecidas, apenas não entraram neste livro, e sim no seguinte (a empreitada “kaplaniana” não caberia, de acordo com o mesmo, em apenas um volume): *Hog Pilots, Blue Water Grunts* (recém-lançado nos EUA e também ainda sem edição brasileira).

⁹ Para mais detalhes, cf. <<http://www.access.gpo.gov/uscode/index.html>>.

Acesso em 30 de janeiro de 2008.

¹⁰ Recentemente o Exército norte-americano lançou um novo manual de operações, que eleva a importância de missões de estabilização ao mesmo patamar daquelas que objetivam derrotar o inimigo. Ver GORDON, Michael R., “After Hard-Won Lessons, Army Doctrine Revised”, *The New York Times*, February 8, 2008. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2008/02/08/washington/08strategy.html>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2008.

¹¹ Ver, por exemplo, ZANINI, Fábio, “Base americana é novo ‘front’ contra terror”, *Folha de S. Paulo*, 3 de agosto de 2008, Mundo, p. A20.